

# O legado de Amílcar Cabral reproduzido em jovens líderes comunitários cabo-verdianos

Paulino Oliveira do Canto\* e Davidson Arrumo Gomes\*\*

pp. 131-144


## Introdução

Amílcar Cabral é, inegavelmente, uma referência incontornável na história de luta contra o colonialismo em África e no mundo. O impacto do seu legado e pensamento ideológico atinge todas as esferas sociais, políticas e académicas devido, sobretudo, à sua capacidade intelectual, e perspicácia política que combinam com a coerência reproduzida entre o seu compromisso cívico para com o povo africano e a vivência das realidades específicas e autóctones dos países. A busca da compreensão do legado de Amílcar Cabral tem um sentido diferente quando relacionada com as suas preocupações relativamente às melhores condições de vida do povo africano, questionamentos ideológicos e culturais dos desafios da liderança africana e os efeitos do seu exemplo inspirador nas realidades atuais, particularmente no seio dos jovens líderes comunitários do concelho de Santa Cruz e da cidade da Praia (Cardoso, 2005).

A (re)produção do legado de Amílcar Cabral entre os jovens líderes comunitários cabo-verdianos apresenta-se como um elemento importante para compreender a relevância dos seus ideais e do seu estilo de liderança, que se encerravam no objetivo maior de libertar o povo africano das amarras coloniais em prol do progresso, paz, segurança e bem-estar (Mendy, 2011; Jesus, 2016).

## Estrutura Teórica e Metodologia de Pesquisa

Neste estudo procuramos refletir sobre a reprodução social do legado de Amílcar Cabral a partir dos jovens líderes comunitários do concelho de Santa Cruz (Pedra Badejo) e da cidade da Praia (Ponta d'Água, Safende e Palmarejo). Desde logo, destacamos que os interlocutores são líderes/membros de comunidades, com percursos e trajetórias diferentes, tendo como principal objetivo a análise e “materialização” dos ideais de Amílcar Cabral na definição de projetos em prol do desenvolvimento local, fazendo *jus* à mobilização de recursos que impulsionam o progresso local podendo legitimar, assim, a reivindicação das melhores condições de vida dos cidadãos. Isto é, procura-se compreender como o

 <https://doi.org/10.21747/0874-2375/afr35a12>

\* Investigador/colaborador do Centro de Investigação e Formação em Género e Família (CIGEF) da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV) e coordenador nacional do projeto empoderamento económico e participação política do Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG).

\*\* Secretário-geral da Cátedra Amílcar Cabral e investigador associado de Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP/Guiné-Bissau).

pensamento de Amílcar Cabral tem sido reproduzido como fonte de inspiração na luta permanente dos jovens líderes para melhores oportunidades sociais tendo como fio condutor o próprio desenvolvimento comunitário.

A compreensão deste legado é feita a partir das narrativas destes jovens líderes comunitários e é entendida, neste estudo a partir de duas dimensões, a saber: Amílcar Cabral – referência de liderança destes jovens líderes; Amílcar Cabral – referência inspiradora na mobilização de recursos que permitam reivindicar as oportunidades para melhor qualidade de vida local.

Estas dimensões resumem-se ao processo de ações e interações orientado pelos jovens líderes do concelho de Santa Cruz e da cidade da Praia, envolvendo estratégias para o desenvolvimento de projetos sociais que favoreçam melhores condições de vida das populações locais, através do qual buscam conquistar autonomias e criar condições favoráveis de lutas pelos seus direitos (Jesus, 2016).

Para explorar estas dimensões, o presente estudo emprega a metodologia qualitativa centrada numa abordagem interpretativa a partir da visão explicativa da análise de conteúdo das fontes primárias e secundárias que nos ajudam a compreender as narrativas dos jovens líderes comunitários cabo-verdianos sobre o legado de Amílcar Cabral, enquanto fonte de inspiração para uma luta permanente que conduza qualquer cidadão a melhores condições e oportunidades sociais através do desenvolvimento pessoal, social e comunitário.

Para o efeito, recorreremos à entrevista semiestruturada com questões elaboradas de maneira a permitir aos nossos entrevistados a liberdade de poderem exprimir-se de forma aberta, categorizados por sexo, masculino e feminino, e pela idade, variando-se entre os 23 a 35 anos de idade. As entrevistas decorreram especificamente na cidade da Praia e concelho de Santa Cruz, entre dezembro de 2017 e janeiro de 2018, a saber: aos cinco (5) jovens líderes, sendo dois (2) do concelho de Santa Cruz e três (3) da cidade da Praia. Deste conjunto de entrevistados, três (3) são do sexo masculino e dois do sexo feminino.

Recorremos, do mesmo modo, à pesquisa bibliográfica e documental com o objetivo de compreender o legado de Amílcar Cabral no que diz respeito às suas preocupações, questionamentos ideológicos e culturais, tendo como princípio orientador o exemplo inspirador das realidades atuais dos jovens líderes comunitários. Uma das técnicas utilizadas para a recolha dos dados secundários e necessários foi a análise de documentos, livros e revistas científicas, com reflexões sobre o legado imaginário de Amílcar Cabral.

Este estudo prioriza, também, a utilização sistemática de procedimentos científicos, numa dinâmica que envolve a obtenção e a interpretação de todo o material empírico recolhido e analisado a partir de meios metodológicos diversos. Salientamos naturalmente, a disponibilidade de diversos materiais empíricos, apesar dos condicionalismos, constrangimentos e restrições que se prendem com o fator tempo e que interferiram, de alguma forma, na moldura, no enquadramento e na escolha da técnica utilizada no estudo que agora se apresenta.

Com base na análise e interpretação das narrativas subjacentes ao pensamento destes jovens líderes comunitários e, a par das referências teóricas acima desenvolvidas, o estudo procura compreender o legado de Amílcar Cabral nas duas dimensões supracitadas e, em resultado das conclusões a que chegarmos, faremos, algumas considerações ao próprio conteúdo da mensagem.

## **Enquadramento do associativismo cabo-verdiano e as suas lutas diárias**

O Estado institucionalizado em Cabo Verde, logo após a independência, inibia o pluralismo e qualquer forma de participação política fora do controlo do Partido Único.

No geral, as continuidades coloniais persistiram, com relação de caráter instrumental e de clientelismo entre a sociedade civil e o Estado com base no discurso da união estribado no projeto do Estado-nação que se aspirava depois da independência (Teixeira, 2016; Costa, 2013; Barros & Lima, 2012).

Mesmo que se admite a existência de uma sociedade civil ainda na época da colonização, embora afigurava-se mais como grupos sociais dispersos ou “uma espécie de proto-sociedade civil crioula”, que através de *Tabanka*, do *Funaná* e do *Batuku* (grupos musicais tradicional cabo-verdiana) e através das escritas presentes nos poemas e nos jornais da praça denunciavam a opressão colonial, em termos da sua estrutura da organização era muito fraca e de fácil desmantelamento (Teixeira, 2016; Costa, 2013).

No tempo do partido único, entre 1975 a 1990, a conceção da sociedade civil esteve fundamentalmente vinculada à ideia da construção do discurso de desenvolvimento e da unidade, a qual deveria responder as pretensões do partido único (Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo Verde – PAIGC/Partido Africano para Independência de Cabo Verde – PAICV), como “a força política dirigente da sociedade e do Estado” (Constituição da República de Cabo Verde de 1980: artigo 4.º), com poder para criar, autorizar e controlar as organizações sociais, que serviam como canais de mobilização da sociedade e de recrutamento político (Évora, 2001). As organizações sociais ou de massas, entre as quais destacam-se a Organização dos Pioneiros Abel Djassi de Cabo Verde (OPAD-CV), a Juventude Africana Amílcar Cabral de Cabo Verde (JAAC-CV) e a Organização de Mulheres de Cabo Verde (OMCV), eram determinadas pelo partido e teriam de seguir a sua orientação ideológica (Évora, 2001; Teixeira, 2016). Portanto, a sociedade civil esteve fragmentada, incapaz de organizar por si mesma, o que implicou numa forte relação de dependência com o Estado (Teixeira, 2016).

Até aqui, as orientações do associativismo em Cabo Verde estavam centradas exclusivamente para a luta da independência nacional. Ou seja, a sociedade civil, que se encontrava dominada pelo Estado e Partido Político, estava focada apenas na libertação da exploração colonial e da opressão do colonizador (Costa, 2013; Teixeira, 2016).

No geral, em Cabo Verde, as pujanças da sociedade civil<sup>1</sup> e do associativismo começaram a se fazer mais presentes a partir do período da independência como resposta “a necessária implementação de medidas de política que servissem de instrumentos de mobilização do povo à volta de reconstrução; da participação das massas devidamente organizadas e enquadradas” (Jesus, 2016: 18). Contudo, tinham nascidas associações com matrizes maioritariamente de cunho político-partidário, com interesses relativamente distantes das realidades locais e que não satisfizessem os ideais de uma revolução social após o período colonial, como tinha sido defendido por Amílcar Cabral (Andrade, 2013; Jesus, 2016). Portanto, aproximavam mais para a perspetiva de extensão de estruturas do Estado com o papel de controlar e mediar as possíveis contestações públicas contra o regime monopartidário do que, efetivamente, a ideologia de uma democracia revolucionária e da devolução do poder nas mãos do povo através das organizações de massas defendidas por Amílcar Cabral (Andrade, 2013; Costa, 2013; Barros & Lima, 2012).

Por conseguinte, na década de 1990 com a transição política e a realização da primeira eleição livre e democrática em Cabo Verde, o Movimento para Democracia (MpD) sairia vitorioso com a maioria qualificada de dois terços dos assentos parlamentares, o que permitiu mudar a própria Constituição e os principais símbolos nacionais, entre os quais a Bandeira e o Hino Nacional, provocando internamente desconforto quanto a “guerra de memórias”

<sup>1</sup> A sociedade civil entendida aqui como relações sociais ou forças sociais constituídas em organizações e instituições que não pertencem as estruturas estatais e procuram defender seus interesses (Cohen & Arato, 2001; Teixeira, 2009; Costa, 2013).

(Évora, 2001). Mais uma vez, destaca-se o protagonismo dos partidos políticos e a limitada mobilização de massas neste processo de transição política (Évora, 2001; Costa, 2013).

Contudo, no mesmo ano o país foi confrontado com a crise política e económica e o Estado viu-se obrigado a orientar o seu programa de governação “a partir dos programas de ajustes, delineados no Consenso de *Washington*, e das imposições do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial para soluções de problemas sociais, políticos e económicos” (Teixeira, 2016: 121). É fundamental destacar que, no contexto de ajuda ao desenvolvimento em que se vivia naquela época e a dependência estrutural do país às lógicas de financiamento estatal e das instituições internacionais, as entidades supramencionadas privilegiavam financiamentos para as organizações não-governamentais e encorajavam o Estado a criar as condições para maior liberdade de expressão, de associação com base no pluralismo, de modo a ter uma sociedade civil mais robusta (Costa, 2013; Teixeira, 2016). Assim sendo, o incentivo do Estado vinha logo a provocar o nascimento de muitas associações de cariz comunitárias, com cerca de duzentas (200) organizações não-governamentais e cerca de seiscentas (600) associações de desenvolvimento comunitário, sendo que a maior parte destas se encontravam fixadas na ilha de Santiago (Jesus, 2016). Portanto, este impulso foi juridicamente fixado pela Constituição da República de 1992<sup>2</sup>, que também reconhecia o papel das organizações de sociedade civil no processo de desenvolvimento nacional.

De facto, as transformações políticas provocaram novas configurações nas relações entre a sociedade civil e o Estado, com registo oficial da rutura do controlo total do Sistema do Partido Único pela Lei Constitucional n.º 2/III/90, revogando o artigo 4.º que apontava o PAIGC/PAICV “como única força dirigente da sociedade e do Estado” e institucionaliza a Democracia com base no princípio do pluralismo. Apesar de não ter havido a emancipação social desejada e as relações entre a sociedade civil e o Estado persistiram na base da clientela política e da sua instrumentalização (Costa, 2013; Teixeira, 2016).

Aliás, mesmo numa conjuntura marcada pela democratização do sistema político, com avanços significativos em termos legais<sup>3</sup>, a participação popular caracteriza-se de baixa intensidade estorvada pela configuração de uma paisagem associativa e de organizações cívicas politizadas, assistencialistas e despojadas de fraco poder reivindicativo, servindo como instrumentos dos partidos políticos nas campanhas eleitorais (Évora, 2011; Costa, 2013; Barros & Lima, 2012).

O associativismo vem ganhando um papel cada vez mais visível na sociedade civil cabo-verdiana, com destaque para aquisição de melhores condições quanto à sua organização e liderança. Uma liderança expressivamente protagonizada por jovens, que comprometidos com os desafios locais inspiram-se em Amílcar Cabral, como referência de luta para desenvolver os projetos sociais que dão “voz(es) às injustiças sociais [...] ou como entidades que ajudam a preservar as tradições e abrem portas a novas experiências intelectuais” (Rifkin, 1996: 245). Contudo, por vezes sentem-se pressionados pelas estruturas políticas, dominadas pelos partidos políticos, e quando não compactuam com seus interesses meramente eleitoralistas correm riscos de verem seus projetos sociais frustrados (Costa, 2013). Aliás, as narrativas apontam para um “tipo de liderança que se implantou depois da independência, sem compromisso, incapaz de resolver os problemas e ainda que tende a instrumentalizar os jovens” (Barros & Lima, 2012: 105).

<sup>2</sup> A Constituição da Primeira República no seu artigo 7.º (I) reconhece que “o Estado apoia e protege as organizações de massas e as outras organizações sociais reconhecidas por lei que, organizadas em torno de interesses específicos, enquadram e fomentam a iniciativa popular e asseguram ampla participação das massas na reconstrução nacional”.

<sup>3</sup> A segunda revisão Ordinária da Constituição de Cabo Verde de 2010 nos seus artigos 29.º e 52.º, respetivamente grifa uma certa autonomia das suas naturezas, realçando que “é livre, não carecendo de qualquer autorização administrativa, a constituição de associações; outrossim, as associações prosseguem os seus fins livremente e sem interferência das autoridades” (Constituição da República de Cabo Verde, 2010: 37 *apud* Jesus, 2016).

Neste contexto, de transformações e de desafios atuais de liderança, insta compreender as aspirações dos jovens líderes comunitários do concelho de Santa Cruz e da cidade da Praia a partir das referências de luta, em contextos mais perturbadores, tendo em consideração o legado de Amílcar Cabral, que em função dos recursos humanos e materiais buscam promover a transformação social nas suas localidades através de projetos sociais capazes de melhorar as condições de vida dos cidadãos.

### **Amílcar Cabral como exemplo inspirador das realidades atuais**

A reprodução do legado de liderança de Amílcar Cabral tem sido um património intelectual que constitui um dos mais pertinentes desafios em África, mais concretamente nos países como a Guiné-Bissau e Cabo Verde (Cardoso, 2005). A problemática sobre a liderança no continente africano tem merecido discussões nas esferas políticas e académicas resultadas das mais variadas abordagens, em especial quando se propõe questionar sobre o legado de algumas referências, como Amílcar Cabral no seio da juventude africana. Amílcar Cabral é uma das figuras africanas inspiradoras para a juventude a nível mundial como “forças progressistas no que se refere à mudança significativa” e, em especial, para os jovens líderes comunitários cabo-verdianos (Mendy, 2011: 16).

*Eu cresci ouvindo falar de Cabral em casa, mais do que estudar Cabral. O meu percurso de infância até ao liceu foi sendo alimentado por uma vontade inesgotável para saber de alguns valores acerca de Cabral, pois, vivi a época do Partido Único. Amílcar Cabral é a minha primeira referência a nível mundial em termos de liderança política e humanitária. Uma liderança que, vendo o passado, está muito presente na minha vida (jovem líder e membro da Fundação Amílcar Cabral, cidade da Praia, 2017).*

A (re)interpretação do legado simbólico de Amílcar Cabral no quotidiano dos jovens líderes visados encontra-se ligada à prática de participação e compromissos cívicos assumidos através de atividades ou projetos sociais de desenvolvimento comunitário que, no processo de luta ainda nos anos 60, constituiu uma das preocupações mais presentes nos escritos e ações políticas de Amílcar Cabral (Cardoso, 2005). Contudo, este facto que também tem dado o significado maior da sua luta através de reivindicações para melhores condições de vida e do bem-estar das comunidades locais ainda não provocou “[...] uma autêntica ‘Revolução’ em todas as dimensões e esferas da vida dos povos africanos, nomeadamente a emergência de um homem novo que acabou por ser um autêntico fiasco” (Sousa, 2016: 73). No contexto da ausência de uma revolução social defendida por Amílcar Cabral e do resgate de estilo de liderança, alguns jovens líderes têm, “a necessidade de encontrarem saídas individuais para sustentar o seu futuro, que vivenciar ambientes de fragmentação, desorientação e distorção, levando à perda do sentido atribuído originalmente” por meio de projeto coletivo que beneficiaria toda comunidade, visando a transformação social (Barros & Lima, 2012: 99, grifo nosso). Alguns desses jovens líderes comunitários defendem que para a desejável “revolução” seja uma realidade é indispensável um maior protagonismo por parte da juventude cabo-verdiana, não obstante o facto de reconhecerem o impacto do resgate da imagem de Cabral para inspirar as suas lutas diárias.

*Cabral é herói e uma inspiração para jovem. E se somos o que somos hoje foi graças a Cabral. Não conheço profundamente o Cabral, porque apenas ouvi falar dele e não tenho explorado muito para o conhecer melhor. Contudo, é preciso dizer claramente que Cabral começou a lutar ainda jovem e se, eventualmente, cada um jovem lutasse hoje metade do esforço do que foi a luta de Cabral, talvez estaríamos bem melhor e este país estaria certamente mais desenvolvimento (jovem líder comunitário de Safene, cidade da Praia, 2017).*

Além do mais, defendem maior independência dos jovens para protagonizar as mudanças necessárias com determinação, ou seja, “*ser independentes, por forma, a provocar as mudanças necessárias. Pensar com as nossas próprias cabeças. Temos de pensar que somos capazes*” (*jovem líder comunitário de Safende, cidade da Praia, 2017*). Portanto, Cabral é resgatado enquanto elemento simbólico de referência, como exemplo inspirador das realidades atuais de jovens que buscam novas formas de organização e participação na sociedade cabo-verdiana, onde os critérios comunitários e o bem-comum predominam na interação com os outros. São jovens que através de associações comunitárias, ou simplesmente grupos relativamente organizados, como é o caso de grupos que pertencem a música *rap*, inspiram no Cabral para reivindicar justiça social e independência (Barros & Lima, 2012).

Neste contexto, entende-se que a desejável transformação social deve ser acompanhada por uma ideologia de uma democracia revolucionária e de uma liderança visionária e pragmática quanto aos valores morais e éticos que estiveram subjacentes nas lutas diárias de Cabral para a independência (Mendy, 2011; Cardoso, 2005). Porém, estes elementos não têm sido incorporados devidamente, com capacidade de respostas suficientes para garantir o bem-estar e a melhoria de qualidade de vida dos cidadãos que, entretanto, vem arrastando desde o período pós-independência, com “desvio de certos princípios, por vezes elementares, preconizados por Amílcar Cabral” (Cardoso, 2005: 555).

Pese embora, as circunstâncias poucas favoráveis para o desenvolvimento necessário a nível das comunidades e da própria juventude, as lideranças das associações civis e juvenis têm sido extremamente importantes para reavivar e perpetuar o legado de Cabral no seio da juventude e, no geral, da sociedade cabo-verdiana. Uma das jovens líderes testemunha que, independentemente do que tem sido feito por parte Estado/Governo cabo-verdiano, “*sempre tenho trabalhado, na minha liderança, com as pessoas em volta de como conseguir a independência, inspirando no Cabral*” (*jovem líder comunitário de Safende, cidade da Praia, 2017*). Inspira-se em Cabral, por entenderem ser um homem trabalhador e que despejou da sua ambição pessoal para a libertação do povo africano.

*Cabral tinha tudo para ser grande profissional, tinha mulher, filhos e era um grande engenheiro, mas, ao invés disso, investiu tudo em prol de todos para a luta. Nós jovens de hoje não estamos dispostos a fazer isso, sacrificando os nossos tempos em prol do bem comum* (*jovem líder comunitário do concelho de Santa Cruz, Santiago, 2017*).

Grosso modo, os jovens líderes comunitários têm percebido que há um ambiente pouco favorável para impulsionar um desenvolvimento social de que desejam, muito por causa, como acima visto, do “sequestro” da sociedade civil por parte dos partidos políticos e dos ideais de Amílcar Cabral que continuam a ser ignorados. Entretanto, face a essas circunstâncias reivindicam maior protagonismo e independência por parte de jovens, de modo a provocar a revolução social necessária, ainda que em micro espaços de luta para melhores condições de vida para as populações locais.

Por isso, entendeu-se fundamental compreender a (re)produção do legado de Amílcar Cabral no seio dos jovens líderes do concelho de Santa Cruz e da cidade da Praia, não somente por ser considerado uma referência incontornável da liderança história que conduziu à libertação nacional de Guiné-Bissau e Cabo Verde, mas também pelo seu compromisso intelectual e dever cívico com o futuro dos cidadãos, em especial, os jovens africanos que vem sendo reproduzido de geração a geração (Barros & Lima, 2012).

## A (re)produção do legado de Amílcar Cabral em jovens líderes comunitários cabo-verdianos

Amílcar Cabral, que havia nascido 94 anos atrás em Guiné-Bissau, constitui uma referência para a África e para o mundo, particularmente no que tange à sua habilidade de liderança para enfrentar os desafios de luta por melhores condições de vida, nas mais variadas interpretações teóricas e práticas (Lopes, 2011a). Os valores ideológicos (por ele defendidos) acerca da luta de libertação intrínsecos ao compromisso cívico e disponibilidade total para servir o povo transformaram-se num modelo relativamente novo para se pensar o continente africano (Lopes, 2011a e 2011b). Uma África com seu modelo de liderança, de desenvolvimento e de cidadania autónoma sem, contudo, desconsiderar outros elementos complementares, como a liberdade de pensamento e de ação. Na atualidade, Amílcar Cabral constitui uma fonte de inspiração intelectual, sociocultural e política para o engajamento de jovens líderes comunitários cabo-verdianos nos processos de transformação e do desenvolvimento local.

*Creio que Cabral acaba por ser isto, de nos fazer refletir sobre o que devemos dar para o nosso país, conduzido pela ética e lealdade aos outros, mas também firmado nos nossos princípios, particularmente, ser coerente entre o que diz e o que faz. Pois, Cabral é visionário (Jovem líder e membro fundados da Fundação Amílcar Cabral, cidade da Praia, 2017).*

O legado de Amílcar Cabral reproduzido enquanto ideólogo que pautava pela coerência entre a fala (o dito) e a prática, impulsionou ideias coerentes que se traduziam em *praxis* sociais de ação arreigadas no compromisso, na sua disponibilidade e no prazer para trabalhar em prol do coletivo e na intelectualidade de um homem visionário. Estas considerações merecem o reconhecimento dos jovens líderes comunitários do concelho de Santa Cruz e da cidade Praia: “Cabral é Pai de Nação. Homem que idealizou a nossa liberdade e a concretizou. Uma das maiores referências cabo-verdiana e africana” (jovem líder comunitário do concelho de Santa Cruz, Santiago, 2017). Outras vezes, é visto até mesmo como membro familiar “é um tio que não cheguei a conhecer. É referência dos valores africanistas, de luta e persistência africana e de afirmação enquanto ser humano e pensante” (jovem líder e membro da Fundação Amílcar Cabral, cidade da Praia, 2017).

Contata-se efetivamente, a notoriedade do seu reconhecimento no seio dos jovens líderes cabo-verdianos enquanto figura máxima que conduziu a luta para libertação dos dois países (Guiné-Bissau e Cabo Verde). O legado de Amílcar Cabral é reproduzido entre estes jovens líderes, com vista a ajudar a população local a lutar pela mobilização de recursos que transformam as suas vidas para melhor nas mais diversas áreas sociais.

*Cabral é um líder, um ídolo e um herói. Tenho sob a minha liderança uma associação de futebol mais importante de Santa Cruz, o Scorpions, onde Amílcar Cabral figura como referência de liderança, isto porque também a própria história reza que Cabral foi representante (secretário) de um Club de futebol, salvo o erro, o Boavista (jovem líder comunitário do concelho de Santa Cruz, Santiago, 2018).*

Geralmente, o legado de Amílcar Cabral é figurado como “Pai” da Nação cabo-verdiana. Porém, deu para constatar que, às vezes, as perspetivas divergem-se, com posicionamento distante do universal, isto é, de ter Amílcar Cabral como referência de liderança e de luta pela mobilização dos recursos que impulsionam o desenvolvimento local.

*Não vejo Amílcar Cabral como uma referência, embora reconheço o esforço que fez, lutando pela causa nacional. Mas, infelizmente a sua luta parou, por isso que não o vejo como referência. Quando existe controvérsia em volta de uma pessoa parece-me*

*que algo vai mal. Ouvi dizer muita coisa prós e contra Amílcar Cabral, facto que me afastou de tê-lo como referência no meu dia-a-dia. Ele não me inspira no desenvolvimento dos projetos de inclusão social e de educação, mas sim as outras referências, como Nelson Mandela, Barack Obama e Pedro Lopes (jovem líder comunitário de Ponta d'Água, cidade da Praia, 2018).*

A diferente forma de como os líderes percebem o legado de Amílcar Cabral está intrinsecamente ligada, primeiro, a diferença das trajetórias dos líderes comunitários, que como se pode analisar uns pertencem associações com vocação para resgate da memória de Cabral através de um plano específico de atividades, cujos seus líderes têm também mais oportunidades de estar em contacto mais direto com o seu legado, como é o caso de Fundação de Amílcar Cabral. E, outros pertencem associações com naturezas e princípios mais abrangentes e com necessidades prementes para a resolução de desafios mais urgentes das populações locais, com seus planos de atividades que não se resumem exclusivamente a realização de atividades de resgate da memória de Cabral.

Segundo, por estar num país marcado pelo défice do conhecimento sobre o legado de uma das mais importantes figuras de luta pela sua independência, como parte das consequências de mudanças estruturais ocorridas no período pós-independência e no período de transição democrática. São mudanças que se vão desde a separação da ideia da Unidade dos dois países, Guiné-Bissau e Cabo Verde, das clivagens políticas no seio interno do Partido Africano para a Independência Guiné-Cabo Verde (PAIGC), dando origem a Partido Africano para Independência de Cabo Verde (PAICV) e se estendem às profundas mudanças do período de transição democrática, em 1991, com alteração do Hino Nacional e da Bandeira de Cabo Verde que continham fortes traços de representações africanas, provocando assim “guerras de memórias”, aspeto que vem tendo impacto também na forma como atualmente os heróis nacionais são recordados e/ou esquecidos (Évora, 2001; Teixeira, 2016).

As mudanças ocorridas no país desde a independência influenciaram a forma como Amílcar Cabral é recordado e/ou esquecido, permitindo perceber melhor a ignorância sobre o verdadeiro legado de Amílcar Cabral no seio da sociedade cabo-verdiana. Todavia, ainda que de forma isolada, os líderes das associações comunitárias vêm protagonizando um conjunto de atividades que revitalizam o legado de Cabral, particularmente no seio das suas comunidades.

Assim sendo, estes veem criticamente a insuficiência das atividades socioculturais que configuram o legado simbólico de Amílcar Cabral no seio da juventude cabo-verdiana, concentrando-se maioritariamente na comemoração das datas oficiais, sobretudo, as do seu nascimento e da sua morte. Pois, *“a vida e obra de Cabral não se resumem nestes dias, 12 de setembro e 20 de janeiro respetivamente. Há proliferação de comemoração em volta destas datas e, depois, os 364 dias são esquecidos”* (jovem líder comunitário do concelho de Santa Cruz, Santiago, 2017). Mesmo que a comemoração da memória de Amílcar Cabral tende a restringir-se às datas oficiais,

*É muito pouco comemorado o 12 de setembro em Cabo Verde. Comemora-se mais 20 de janeiro, isto é, a morte de Cabral, talvez porque é dia dos heróis nacionais e o Governo quase que, neste caso, se sente na obrigação de comemorar esta data com maior visibilidade. A memória de Cabral é recordada pelo povo apenas em 20 de janeiro (morte de Cabral). Em Cabo Verde, a comemoração de morte de Cabral é atribuída mais significado do que o seu próprio nascimento (jovem líder comunitário do concelho de Santa Cruz, Santiago, 2018).*

Entende-se que, em parte, as razões adstritas a esta tentativa de silenciamento da história cabo-verdiana sejam, sobretudo, de ordem política. Cabo Verde, enquanto Estado-nação, tem dado sinais de alguma indiferença no resgate da memória de Cabral, que aos poucos vai se tornando habitual devido a forte politização da sua memória no seio dos partidos políticos, banindo a própria sociedade civil deste processo (Barros & Lima, 2012).

*Cabo Verde ainda não chegou à maturidade de uma sociedade civil e de um Estado para termos referências nacionais sem divisão partidária. Quase que engolimos para comemorar 12 de setembro, 20 de janeiro e até mesmo 5 de julho (jovem líder e membro da Fundação Amílcar Cabral, cidade da Praia, 2017).*

Este facto deve-se grandemente pelo desnecessário protagonismo da história cabo-verdiana associado aos partidos políticos que, permanentemente lutam entre si para a manutenção do poder com alguma dificuldade para reconhecer ou valorizar os feitos anteriores. O fenómeno da excessiva bi/partidarização presente na sociedade cabo-verdiana tem obstruído não só a dinâmica efetiva da sociedade civil na construção de referência nacional como protagonizado as comemorações das principais datas do país, as referências e os símbolos nacionais (Évora, 2001; Barros & Lima, 2012).

*A sociedade cabo-verdiana continua dividida em termos políticos, predominantemente entre o MPD e PAICV, o que influencia negativamente para não termos símbolos comuns de referência nacional, por causa de luta pelo protagonismo individual. A título de exemplo, nos Estados Unidos de América (EUA), Abraham Lincoln é uma referência dos dois grandes partidos políticos, isto é, tanto para os Democratas como para os Republicanos. Portanto, a abertura política cabo-verdiana é bastante recente associada pela luta ao protagonismo. Aqui para uns sobressaírem terão obrigatoriamente que minimizar o que o outro fez. Nesse protagonismo histórico temos uma tendência que é a de desvalorizar o papel de Cabral na História de Cabo Verde (jovem líder e membro da Fundação de Amílcar Cabral, cidade da Praia, 2017).*

A ignorância sobre o verdadeiro legado de Amílcar Cabral na história das ilhas impõe-se de tal modo, que chegou a implicar-se na reprodução de narrativas violentas em torno da sua figura. A banalização da sua figura foi manifestada, de forma mais crítica, numa publicação no Facebook de um dos representantes da nação cabo-verdiana.

*Amílcar Cabral não é – nunca o foi – uma figura do Estado, pelo que não se mostra aceitável que as suas fotos estejam afixadas em estabelecimentos do Estado [...] isto tem sido recorrente, como se existe uma estratégia subjacente de instalar nas pessoas a ideia de que Amílcar Cabral foi uma figura do Estado e da República [...] considerar Amílcar Cabral uma figura do Estado é um exagero, além de ser uma leitura falsificada da História<sup>4</sup>.*

Trata-se da mais recente afirmação em torno da sua figura, que fez ecos além-fronteiras e provocou dura reação por parte dos cabo-verdianos e dos próprios membros familiares, na pessoa da sua filha, Iva Cabral, que aconselhou o deputado para “voltar às aulas”.

*Acho que a ignorância é triste, mas o que é que hei de fazer? É que não há muito que dizer. É uma tentativa, que não é de hoje [de diminuir a figura de Amílcar Cabral], mas acho que não é com esse tipo de raciocínio que vão conseguir o quer que seja<sup>5</sup>.*

Efetivamente, nota-se uma crítica pública muito forte por parte da filha de Cabral, assumindo que a tentativa da diminuição do legado de Amílcar Cabral parece não ser de hoje,

<sup>4</sup> JTN, abril 2019, 6184 – Cabo Verde, política, nota n.º 6184, 30-04-2019.

<sup>5</sup> JSM, maio 2019, 2798 – Cabo Verde, Sociedade, nota n.º 2798, 02-05-2019.

o que mostra que a politização vem arrastando ao longo dos tempos, na busca pelo protagonismo. Isto faz-nos questionar se não se trata de uma disputa do protagonismo entre as classes politico-dirigentes dos dois maiores partidos cabo-verdianos quanto à exaltação das datas memoráveis e dos heróis nacionais. Aliás, será apenas uma “guerra de memória” ou um projeto político para a reprodução da classe dirigente cabo-verdiana, o que também teria influenciado mais do que a própria morte de Cabral, o desmantelamento do projeto da Unidade de Cabral para os dois países, Guiné-Bissau e Cabo Verde e a sua ambição de constituir uma sociedade civil forte, com limitação de privilégios para a classe elite político face às classes sociais desfavorecidas. Grosso modo, sobressai a apropriação destas datas por parte dos partidos políticos e a negação da sociedade civil, como parte integrante deste processo.

Neste sentido, convive-se com uma ausência angustiada do pensamento de Amílcar Cabral, que perpassa o ensino cabo-verdiano, não obstante, a incontestável importância desta figura na História de Cabo Verde e do Mundo. Em outras conjunturas, como na esfera pública cabo-verdiana, tem-se discutido muito pouco a vida e obra de Amílcar Cabral. Em grande parte, as atividades, com exceções de comemorações das datas oficiais, provêm de iniciativas privadas, nomeadamente da Fundação Amílcar Cabral, da Cátedra Amílcar Cabral, de Associações ou organizações civis e juvenis e da Associação dos Combatentes da Liberdade da Pátria e, com estudos consideráveis sobre a sua vida pelas universidades estrangeiras. A título de exemplo, realça-se o caso da Cátedra de Amílcar Cabral da Universidade de Cabo Verde, que fechou a porta e encontra-se inativo nos três últimos anos.

*Sinto muito falta de presença de conteúdos africanos nas escolas, não somente de Amílcar Cabral, mas também de outros grandes revolucionários africanos que partilhavam da mesma perspetiva. A título de exemplo, se decidirmos fazer um estudo sobre vida e obra de Amílcar Cabral no contexto cabo-verdiano, os nossos interlocutores saber-nos-ão dizer poucas coisas. Saberão certamente falar que Cabral foi um dos que lutou para a nossa liberdade, mas desconhecem sacrifício de Cabral durante o processo de luta (jovem líder comunitário do concelho de Santa Cruz, Santiago, 2017).*

Enfim, constata-se que o legado simbólico de Amílcar Cabral parece ser mais procurado por iniciativas próprias dos jovens líderes do que, propriamente, pelo incentivo das entidades públicas com uma certa responsabilidade política nesta matéria. Portanto, “*é perceptível uma juventude que busca conhecer Cabral, mas, ao mesmo tempo, confrontado com ausência de políticas públicas do Estado que preservam e dão a conhecer Cabral*” (jovem líder e membro da Fundação de Amílcar Cabral, cidade da Praia, 2017).

Em Cabo Verde, geralmente as atividades e iniciativas sociais se direcionam mais para resgatar a memória de Amílcar Cabral em (re)edições de obras literárias, simpósios, visita ao espaço museológico, atividades de comemoração do que a materialização prática do próprio pensamento de Amílcar Cabral no quotidiano da vida social convertido em programas de desenvolvimento local que oferecem melhores condições de oportunidades e vida da população e, em especial, a juventude, que representa a maioria da população (65 %) e que, igualmente, é a classe mais afetada pelo desemprego em Cabo Verde, na ordem de 27,8 %, respetivamente (Instituto Nacional de Estatística, 2018).

Revisitando seus escritos, Amílcar Cabral apelava, frequentemente, atenção dos jovens para se empenharem na construção da nossa terra, por serem força ativa de uma nação para o desenvolvimento sociocomunitário (Andrade, 2013). Contudo, os jovens líderes desconhecem uma estratégia clara a longo prazo para estudar o pensamento de Amílcar Cabral. Aliás,

*o mais triste é que Amílcar Cabral é tão estudado lá fora e Cabo Verde desperdiça o legado e a figura de Amílcar Cabral. Recordo-me de viajar para África do Sul, onde fui visitar o museu Freedom Park e, no final, do museu tinha uma citação de Cabral o que me surpreendeu. Isto é, na África do Sul esta citação poderia perfeitamente ser de Nelson Mandela, mas não, foi de Amílcar Cabral. Enquanto que em Cabo Verde estamos, mais uma vez, tentar lhe assassinar de alguma forma? (jovem líder e membro da Fundação de Amílcar Cabral, cidade da Praia, 2017).*

Embora, uma certa ausência de iniciativas públicas que configuram o legado de Amílcar Cabral no seio dos jovens líderes cabo-verdianos, em especial relativas à educação e formação, os jovens esforçam-se na procura de elementos importantes para desenvolver projetos comunitários que preservam o seu legado, como é o caso do

*Movimento Pan-africanista, como um grupo de jovens amigos que todos os sábados encontramos para discutir vida e obra de grandes revolucionários africanos. Foi a partir desta iniciativa que desenvolvemos um projeto designado 'Afro-cinema', onde passamos filmes de produção africana 'Afro-centrada' e, no fim, refletimos como os grandes revolucionários africanos contribuíram para o desenvolvimento do continente (jovem líder comunitário do concelho Santa Cruz, Santiago, 2017).*

Os jovens líderes da ilha de Santiago têm na figura de Amílcar Cabral uma referência de esperança, onde através de projetos sociais de incentivos à conscientização dos valores ideológicos resgatam e redefinem o seu legado simbólico no seio das suas comunidades.

*É importante conhecer a vida e a obra de Cabral, isto porque se reparamos o que ele visionava de menos positivo para os dias de hoje é o que mais tem afetado Cabo Verde, entre os quais se destacam a desigualdade social e o individualismo. Recentemente, no Scorpions comemorámos a data de 20 de janeiro com reflexões sobre o percurso de Amílcar Cabral, enquanto secretário do futebol club de Boavista. Ali assumimos o compromisso de lutar pela união na base da sua ideologia e dos seus princípios da liderança, da igualdade, do respeito e, acima de tudo, do cooperativismo (jovem líder comunitário do concelho de Santa Cruz, Santiago, 2018).*

São essas as ideologias de um líder pragmático que possivelmente inspiram as ações destes jovens e que traduzem num compromisso cívico ou de cidadania para com as suas comunidades. Estes jovens líderes lançam-se neste quadro de compromissos para com as suas realidades graças ao processo de reconversão dos seus espíritos e das mentalidades na luta pelas melhores condições de vida, que, igualmente, foram as preocupações defendidas por Amílcar Cabral (Lopes, 2011a).

*Há necessidade de estudar melhor Cabral para desenvolver cursos de formação e incutir elementos importantes para a liderança. Pois, a Fundação Amílcar Cabral trabalha mais no sentido de resgatar e consolidar a memória. Precisamos conhecer a nossa realidade para podermos agir (jovem líder e membro Fundação Amílcar Cabral, cidade da Praia, 2017).*

As preocupações, os questionamentos ideológicos e culturais, e o exemplo inspirador das realidades atuais de vida de Amílcar Cabral devem ser compreendidas no quadro da sua luta exclusiva para a libertação dos povos de Guiné-Bissau e Cabo Verde (Mendy, 2011). Uma luta que, na sua perspetiva, só serve quando se traduz em melhores condições de vida dos cidadãos e coisas práticas, como a paz e futuro dos seus filhos porque “liberdade, fraternidade e igualdades são palavras vazias para as pessoas se não significam uma melhoria real em suas vidas” (Lopes, 2011a: 8).

Alguns jovens líderes reproduzem o legado de Cabral com base no compromisso cívico, na disponibilidade de sacrificarem seus tempos pelo interesse coletivo, no desenvolvimento de ações, em diversas áreas, como a educação, o desporto, a reintegração social com o objetivo exclusivo de promoverem projetos de mudanças nas suas localidades em prol do desenvolvimento comunitário. Daí a importância de se ter compromisso como elemento indispensável da liderança comunitária, com o objetivo de

*questionar o que posso fazer, tendo em conta a posição que cada um se encontra. Como por exemplo, no meu caso, perante todo este privilégio e distinção, o que posso fazer para ajudar e contribuir na melhoria das condições de vida das pessoas e não necessariamente orientar para manifestação nas datas oficiais como forma de luta pelo reconhecimento ou melhores condições de vida (jovem líder e membro da Fundação de Amílcar Cabral, cidade da Praia, 2017).*

Mesmo que a capacidade do Estado não seja a mais ideal para integrar a dinâmica dos jovens líderes locais, acompanhadas pelas indiferenças das autoridades políticas que vêm afetando o progresso da juventude cabo-verdiana, as iniciativas para reivindicação de melhores condições de vida, no sentido de ampliar suas liberdades, merecem ser repensadas com o propósito de orientar os direitos e cidadania do povo, o papel dos cidadãos e o compromisso cívico (Nzongola-Ntalaja, 2011; Lopes, 2011b).

A reivindicação de melhores condições de vida nas comunidades locais insta a reorganização dos espaços de luta, como a descolonização do saber no ensino cabo-verdiano e outras formas eficazes e capazes de suscitar a mudança de comportamentos, porque a problemática dos jovens afigura de forma tímida nas agendas políticas do governo, sem uma política realista e clara para a juventude, a não ser a criação de mais instituições públicas para “*jobs for boys*” (Lima & Barros, 2012).

*Acho que nós ainda precisamos descolonizar a nossa mente. Para isso tem que começar no ensino. Isto é, antes de tudo isso, temos que libertar a nossa própria cabeça, no sentido, de questionar quem sou eu e que destino devo tomar? (jovem líder comunitário de Santa Cruz, Santiago, 2017).*

O pensamento de Amílcar Cabral para a juventude de Guiné-Bissau e Cabo Verde era de uma aposta clara na formação e educação. Contudo, após a independência, esta ideologia tendeu a ser relegado, com ausências de políticos voltados para os jovens que, paradoxalmente, à semelhança do colonialismo, foram implementados mecanismos de controlo ideológico e institucional a favor do partido/Estado (Barros & Lima, 2012). Portanto, a desconstrução da história e do conhecimento deve ser uma luta constante para desenvolver “homens novos” que sejam capazes de materializar as ideologias de Amílcar Cabral no seio das suas comunidades locais.

## Considerações finais

Neste estudo, as preocupações, os questionamentos ideológicos e culturais, e o exemplo inspirador de Amílcar Cabral foram compreendidos no quadro das lutas quotidianas dos jovens líderes comunitários do concelho de Santa Cruz e da cidade da Praia, que têm na sua pessoa uma referência de esperança, onde através de projetos socioculturais de incentivos à conscientização dos valores ideológicos resgatam e redefinem o seu legado simbólico no seio das suas comunidades.

Desta forma, constatou-se que, pese embora, a capacidade do Estado não seja a mais ideal para integrar a dinâmica dos jovens líderes locais e a frequente indiferença dos atores com

principais responsabilidades na promoção do legado de Amílcar Cabral, os jovens líderes do concelho de Santa Cruz e da cidade da Praia continuam a inspirar-se em Amílcar Cabral para desenvolver projetos locais como forma de reivindicar as melhores condições de oportunidades aos cidadãos.

Nesta perspetiva, os jovens líderes reproduzem o legado de Cabral com base no compromisso cívico, na disponibilidade de sacrificarem seus tempos pelo interesse coletivo através do desenvolvimento de ações e atividades, em diversas áreas, como a educação, desporto, reintegração social com o objetivo exclusivo de promoverem projetos de mudanças com repercussões sociais nas suas localidades, e em prol do desenvolvimento comunitário.

## Referências bibliográficas

- Andrade, Mário (Cord.) (2013), *Unidade e Luta: a prática revolucionária*, Vol. II. Praia: Ed. Fundação Amílcar Cabral, pp. 159-192.
- Assembleia Nacional (2010), *Constituição da República de Cabo Verde*, Praia: Assembleia Nacional – Divisão de Documentação e Informação Parlamentar.
- Barros, Miguel e Lima, Redy Wilson (2012), *Rap Krioul(u): o Pan-Africanismo de Cabral na Música de Intervenção Juvenil na Guiné-Bissau e em Cabo Verde*. In: *Revistas de Estudos Ultramaristas e Poscoloniais*, Vol. 2, N.º 2, pp. 89-117.
- Cardoso, Carlos (2005), Revisitando a problemática da liderança política no pensamento de Amílcar Cabral. In: Fundação Amílcar Cabral, CODERSIA e a Fundação Mário Soares (orgs.), *Cabral no cruzamento de épocas: comunicações e discursos produzidos no II Simpósio Internacional Amílcar Cabral*, Praia: Alfa comunicações.
- Cohen, Jean y Arato, Andrew (2001), *Sociedad civil y teoría política*, México: Fondo de Cultura Económica [Em linha]. [Consult. 07.Agosto.2020]. Disponível em: <https://www.insumisos.com/lecturasinsumisas/SOCIEDAD%20CIVIL%20Y%20TEORIA%20POLITICA.pdf>.
- Constituição da República de Cabo Verde (1980), [Em linha]. [Consult. 05.Agosto.2020]. Disponível em: <http://www.parlamento.cv/ConstituicoesCV.aspx>.
- Costa, Suzano (2013), Sociedade Civil, Estado e Qualidade da Democracia em Cabo Verde: entre a Letargia Cívica e a Omnipresença do Leviathã. In: Cristina Montalvão Sarmento & Suzano Costa (orgs.), *Entre África e a Europa: Nação, Estado e Democracia em Cabo Verde*, Coimbra: Almedina.
- Évora, Roselma (2001), *A abertura política e o processo de transição democrática em Cabo Verde* [Em linha]. [Consult. 29.Agosto.2020]. Disponível em: <http://www.portaldonhecimento.gov.cv/bitstream/10961/292/1/2001%20Roselma%20Evora.pdf>.
- Fonseca, Luís; Pires, Olívio e Martins, Rolando (orgs.), (2014), *Pensar para melhor agir: as intervenções de Amílcar Cabral no seminário de quadros do PAIGC de 19 a 24 de novembro de 1969*, Praia: Ed. Fundação Amílcar Cabral.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) (2018), *Inquérito Multiobjectivo Contínuo: Estatística do Mercado de Trabalho*, Praia: INE [Em linha]. [Consult.05Agosto.2020]. Disponível em: [http://ine.cv/wp-content/uploads/2019/04/imc\\_2018\\_estatisticas\\_mercado\\_trabalho\\_notas\\_imprensa\\_01\\_04\\_19-00000003.pdf](http://ine.cv/wp-content/uploads/2019/04/imc_2018_estatisticas_mercado_trabalho_notas_imprensa_01_04_19-00000003.pdf).
- Jesus, António de (2016), *Desenvolvimento Local: as dinâmicas dos atores sociais no contexto cabo-verdiano*, 1.ª Ed. Praia: Ed. Pedro Cardoso Livraria.
- Jornal Online Terra Nova (2019a), “Amílcar Cabral não é – nunca o foi – uma figura do Estado”, diz o deputado Emanuel Barbosa [Em linha]. [Consult. 15.mai.2019]. Disponível em: <https://terranova.cv/index.php/actualidade/10-desporto/6184-amilcar-cabral-nao-e-nunca-o-foi-uma-figura-do-estado-diz-o-deputado-emanuel-barbosa>.
- (2019b), *Iva Cabral aconselha Emanuel Barbosa a voltar às aulas* [Em linha]. [Consult. 15.mai.2019]. Disponível em: <https://www.santiagomagazine.cv/index.php/sociedade/2798-iva-cabral-aconselha-emanuel-barbosa-a-voltar-as-aulas>.

- Lopes, Carlos (2011a), Amílcar Cabral: uma inspiração para os dias de hoje. In: Lopes, Carlos (org.), *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*, Tradução de Roberto Leal e a Fundação Amílcar Cabral, São Paulo: Ed. Unesp.
- (2011b), O legado de Amílcar Cabral diante dos desafios da ética contemporânea. In: Lopes, Carlos (org.), *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*, Tradução de Roberto Leal e a Fundação Amílcar Cabral, São Paulo: Ed. Unesp.
- Mendy, Peter Karibe (2011), Amílcar Cabral e a libertação da Guiné-Bissau: contexto, desafios e lições para uma liderança africana efetiva. In: Lopes, Carlos (org.), *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*, Tradução de Roberto Leal e a Fundação Amílcar Cabral, São Paulo: Ed. Unesp.
- Nzongola-Ntalaja, Georges (2011), Desafios para a formação do Estado na África. In: Lopes, Carlos (org.), *Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral*, Tradução de Roberto Leal e a Fundação Amílcar Cabral, São Paulo: Ed. Unesp.
- Rifkin, Jeremy (1996), *The End of Work: The Decline of the Global Labor and the Dawn of the Post – Market Era*, New York: Tarcher/Putnam.
- Sousa, Julião Soares (2016), Desafios da Construção do Estado em África: uma releitura do pensamento de Amílcar Cabral na perspetiva da contemporaneidade. In: Fonseca, Luís; Pires, Olívio e Martins, Rolando (orgs.), *Por Cabral, sempre: Comunicações e discursos apresentados no Fórum Internacional Amílcar Cabral, 18 a 20 de janeiro de 2013*, Praia: Ed. Fundação Amílcar Cabral.
- (2013), *Amílcar Cabral (1924-1973): vida e morte de um revolucionário africano*, Cidade da Praia: Spleen Edições.
- Teixeira, Ricardino Jacinto Dumas (2016), *Estado e Sociedade Civil em Cabo Verde e Guiné-Bissau: Djuntamon para novas relações*, *Cadernos de Estudos Africanos*, n.º 31, pp. 115-141.
- (2009), *o conceito de Sociedade Civil: um debate a partir do contexto da Guiné-Bissau* *Estudos de Sociologia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, Vol. 15, n.º 2, pp. 161-180.